

## **AMPLIANDO AS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DE PESQUISA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE “*DECOLONIZING METHODOLOGIES*” PARA O CONTEXTO BRASILEIRO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Ingrid Berns Pavezi<sup>56</sup>

Para melhor entender a pertinência do livro ‘Decolonizing Methodologies’, de Linda Tuhiwai Smith (2012), é essencial primeiro contextualizar uma experiência anterior com um outro livro. O ano é 2003, era o início da graduação de ciências sociais e eu havia recém descoberto o livro ‘Tristes Trópicos’, do Lévi-Strauss. O livro, um clássico de 1955, consiste em uma coleção de memórias como viajante e professor da recém existente Universidade de São Paulo, aventuras essas vividas entre os anos de 1935 a 1939. Durante esse tempo, o futuro fundador da antropologia estrutural viveu o espírito das cidades brasileiras, fez diferentes expedições pelo interior brasileiro e teve vários contatos com nossos povos indígenas. Poucos livros não acadêmicos e romanceados tiveram tanta influência na academia e na história da antropologia como Tristes Trópicos, o que torna um livro interessantíssimo para compreender como se estrutura uma área do conhecimento. É notório que esse não é um livro científico. No entanto, é tido como um dos mais importantes livros do século XX, e não são poucas as celebridades acadêmicas e literárias que tecem elogios exaltados a ele, o que coloca Tristes Trópicos em um lugar, no mínimo, instigante.

As expedições de Lévi-Strauss foram importantes, primeiramente e honestamente, na vida profissional de Lévi-Strauss. É secundário e questionável se estas acrescentaram um melhor entendimento das nossas populações indígenas e urbanas, e quem dirá por contribuir para uma vida melhor aos mesmos. Mas, foi com

---

<sup>56</sup> Graduada em ciências sociais pela UFPR e em direito pela PUC-PR. Mestre em sociologia pela UFPR. Atualmente é bolsista Erasmus Mundus para o European Master in Migration and Intercultural Relations. Email: [ingridpavezi@gmail.com](mailto:ingridpavezi@gmail.com)

esse livro que ele foi reconhecido como um notável etnógrafo e aclamado entre seus pares no campo da antropologia francesa. Esse fato é reconhecido pelo próprio Lévi-Strauss ao final do seu livro, e nos mostra uma função muito recorrente mas nem sempre visibilizada dos povos indígenas para os antropólogos durante o século XX: a sua legitimação como profissional, e mesmo intelectual, no campo das disciplinas das ciências sociais. Antes de vir ao Brasil, Lévi-Strauss era mais um antropólogo desconhecido, e após voltar para a França, o campo da antropologia abriu-se consideravelmente a ele. Sempre explicamos, de um modo até mesmo com uma certa influência do liberalismo, que isso se deve majoritariamente ao seu talento. Mas será mesmo? É sempre um pouco exagerado o poder metafísico que o viajante tem em suas culturas de origem, quando retorna de suas aventuras.

Como uma estudante brasileira de ciências sociais, comecei o livro com muita curiosidade e um tipo particular de ansiedade: o que o mais famoso antropólogo do século XX escreveu sobre o meu país? O que ele viu aqui? Como ele descreveu sua experiência com os povos brasileiros, nas cidades, no campo ou nas selvas? E sobre a Universidade de São Paulo, uma das mais importantes do país? Eu achei todas essas respostas em 'Tristes Trópicos'. E quando eu terminei o livro, eu estava totalmente envergonhada. Uma vergonha profunda da cultura, da comida, dos edifícios, das pessoas, do governo, das relações entre professores e estudantes, de mim mesma enquanto estudante, absolutamente tudo o que estava relatado no livro. O tom magistral, sensível e tocante do livro parecia tornar essas deprimentes percepções ainda mais verdadeiras, e elas entraram na minha alma de estudante como uma verdade profunda e inquestionável sobre o Brasil. Ou, generalizando para o lugar comum do título do livro, para esses vergonhosos *Trópicos*.

Começando pelo próprio título, o que poderia ser mais desanimador e sem esperança que o título 'Tristes Tropiques'? Mais, pelo poder aclamado ao livro: é considerado um dos mais influentes do século XX, em sabe-se quantas listas dos livros mais importantes do século. E, após ler essa poderosa declaração de verdade sobre o meu país, as pessoas e as culturas, cursando o segundo ano de ciências sociais, eu só conseguia ficar em silêncio e em estado de vergonha. Eu concordava com Lévi-Strauss, como poderiam suas lentes estarem erradas? Todos os professores do departamento de ciências sociais com quem tive contato à época consideravam esse um livro confiável e digno, praticamente uma leitura obrigatória. As brilhantes lentes do famoso antropólogo francês ajudariam a nós brasileiros, ou a

essa cultura genérica maior, esse nós ‘tropical’, a vemos nossa própria realidade criticamente, nossos problemas sociais de modo cru. Lévi-Strauss escreveu um livro que não é científico, não é da área da antropologia, não é também uma etnografia no rigor da palavra, é apenas um livro romanceado - mas com uma certificação da comunidade acadêmica de confiança, seriedade, sensibilidade e precisão. Um exemplo da arte e da técnica da etnografia. Com o maior nome da área assinando embaixo. Como se pode responder a algo elaborado nesses termos?

Esqueci de *Tristes Trópicos* durante dez anos, e às vezes o livro era lembrado como uma citação qualquer em conversas informais com colegas e amigos, e isso foi tudo. Em todas as vezes, remanescia de fundo essa triste resignação que os enunciados de verdade deprimentes provocam. Em finais de 2013, caiu nas minhas mãos de um modo acidental o livro ‘*Decolonizing Methodologies*’, da Linda Tuhiwai Smith, mas não por acaso esse livro permaneceu na minha cabeceira pelos próximos meses. Quando terminei ‘*Decolonizing Methodologies*’, eu não podia parar de pensar em Lévi-Strauss, e experimentei outro tipo de vergonha, mas dessa vez vestida de indignação e otimismo para o futuro: porque um livro romanceado e cheio de estereótipos, exotismos, comparações e julgamentos de valor pode ser tão significativo para nós ‘tropicais’?

Quanto mais lia *Decolonizing Methodologies*, mais as memórias de *Tristes Trópicos* me incomodavam. Voltei a ler o livro e, dez anos depois, o teor me apareceu ainda mais equivocados do que englobava minha memória. Poderia retirar centenas de exemplos do livro. O que foi lido por mim em 2003, e acredito que pela maioria dos leitores durante o século XX, como um relato pleno de sensibilidade, genialidade e beleza, aparecia sob meus olhos agora como uma arrogância, ignorância, presunção e intelectualismo travestido de ranço colonizador europeu. O livro é pleno de trechos como o que segue abaixo:

Um espírito malicioso definiu a América como um país que passou da barbárie à decadência sem ter conhecido a civilização. Poder-se-ia, com mais justiça, aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do fresco à decrepitude, sem parar na madureza. Uma estudante brasileira veio a mim em lágrimas, depois de sua primeira viagem à França: Paris lhe parecera suja, com os seus edifícios enegrecidos. A brancura e a limpeza eram os únicos critérios de que dispunha para apreciar uma cidade. Mas essas férias fora do tempo a que convida o gênero monumental, essa vida sem idade que caracteriza as mais belas cidades, tornadas objeto de contemplação e de reflexão, e não mais simples instrumentos da função urbana – as cidades americanas jamais ascendem a isso. (...) Algumas cidades da Europa adormecem devagarzinho na morte; as do Novo Mundo

vivem febrilmente numa doença crônica; perpetuamente jovens, nunca chegam a ser, entretanto, sãs. (Lévi-Strauss, 1957, p. 96-97).

O curioso é que a estudante brasileira é caracterizada como incapaz de apreender a beleza da capital francesa, mas em nenhum momento Lévi-Strauss se questiona sobre sua debilidade ótica para interpretar as cidades americanas. Não por acaso, uma parte considerável dos intelectuais de hoje consideram a antropologia do século XX como um dos instrumentos mais eficazes do projeto de colonização europeu.<sup>57</sup>

Reler *Tristes Trópicos* despertou revolta pelos sentimentos de vergonha e resignação que experimentei 10 anos atrás. Nesse sentido, o livro de Smith propicia uma contextualização mais justa sobre os sentimentos e racionalidades que um cientista social originário de um país que sofreu o processo de colonização, principalmente em se tratando do mais difícil de ser contestado, a colonização do conhecimento. O objetivo principal, de acordo com Smith, é propiciar um espaço para diálogo em um campo de produção de conhecimento que privilegie a presença dos povos originários e a própria continuação da produção de conhecimento dos povos originários. “O livro é escrito primeiramente para ajudar a nós mesmos” (SMITH, 2012, p.18)<sup>58</sup>. A obra é expressamente endereçada para pesquisadores que trabalhem com comunidades originárias e que escolheram identificar a si mesmos como pertencentes aos povos originários. Se inicialmente esse livro foi escrito por Smith para pesquisadores que pertencem aos povos originários, o livro é uma ferramenta útil também para pesquisadores que venham de um contexto de países ou culturas colonizadas em um sentido mais amplo.

Smith identifica a pesquisa e a metodologia como um campo significativo de combate entre as vias de conhecimento do Ocidente e os interesses e modos de resistência dos *Outros*. Ela identifica dificuldades que esses ‘Outros’ como pesquisadores podem encontrar.

Primeiramente, ela ressalta a resistência do seu próprio povo que pode preferir um pesquisador estrangeiro, que detém mais poder hegemônico e que pode parecer ter mais capacidade como pesquisador sob os olhos dos povos colonizados.

---

57 Nesse sentido, Hamid Dabashi, em seu livro *The Arab Spring: the End of Postcolonialism* (2012), tem parte de um capítulo dedicado ao tema da antropologia como veículo de colonização europeia. O livro é descrito pelo próprio autor como um manual para as revoluções nos países árabes, baseando-se em vários intelectuais para incentivar a emancipação dos países árabes. Entre eles, há menção a Paulo Freire e a sua pedagogia do oprimido.

58 No original: “The book is written primarily to help ourselves”.

Alguma similitude com nosso contexto brasileiro em relação a obras de autores hegemônicos, principalmente europeus, não é mera coincidência, e não são poucos os pesquisadores estrangeiros que se deparam, ao chegar em nossos centros de pesquisa, com a reprodução do conhecimento de uma determinada área mais estrita que no país de origem da teoria ou abordagem. “É mais francês que os franceses”, me disse uma vez com certo espanto um alemão que visitou um centro de pesquisa na Usp. Não é difícil encontrar vários exemplos de uma reprodução passiva da lógica hegemonia européia do que se entende por conhecimento nos centros de pesquisa desse lado do Atlântico.

Outra dificuldade apontada por Smith que o pesquisador pode encontrar é que, mesmo vindo da sua comunidade originária, se ele teve acesso a uma educação nos centros de pesquisa hegemônicos, pode não mais ser visto com confiança sob os olhos dos seus pares. Novamente, penso nos pesquisadores brasileiros espalhados ao redor do mundo, que se deparam muitas vezes com a dificuldade de reinserção no campo científico acadêmico, credibilidade dos seus pares e mesmo de diálogo com estes.

Por último, a autora cita as críticas que partem da academia que podem argumentar que o pesquisador não está distante o suficiente do seu objeto de pesquisa, qual seja a sua comunidade originária. Essas possíveis críticas fazem o trabalho do pesquisador vindo das comunidades originárias muito mais difícil para adquirir legitimidade dentro da sua própria população e também dentro do contexto acadêmico. Essas dificuldades constituem juntas uma das justificativas para endereçar esse livro para os pesquisadores das sociedades originárias.

A necessidade de uma abordagem nova sobre metodologia e produção do conhecimento vem da abundância destes quando vindo das sociedades ocidentais, e da ausência e invisibilidade vinda do contexto das comunidades originárias. Como um produto do imperialismo e do colonialismo, o conhecimento ocidental não representa o contexto dos povos originários. Ou seja, muito se fala sobre os *Outros*, mas pouco se fala a partir desses *Outros*: ‘Pesquisa é um dos modos em que o código subjacente do imperialismo e do colonialismo são ambos regulamentados e concretizados’<sup>59</sup> (SMITH, 2012, p. 08). A aparente e reclamada neutralidade da maioria dos cientistas sociais vindos dos países hegemônicos é um modo de

---

59 ‘Research is one of the ways in which the underlying code of imperialism and colonialism is both regulated and realized’

dissimular o legado de colonialismo e imperialismo que é um componente intrínseco nas relações entre pesquisadores e povos pesquisados, assim como é parte da própria produção do conhecimento. Smith descreve que a “(...) pesquisa tem sido um encontro entre o Ocidente e o Outro. Muito mais é conhecido vindo de um dos lados desses encontros do que é conhecido vindo do outro lado. Esse livro relata uma extensão de visões que são elaboradas e articuladas nos ‘outros lados’” (SMITH, 2012, p. 08)<sup>60</sup>.

Smith articula essas idéias de um ponto peculiar: ela está entre o modo de vida ocidental e as sociedades originárias, tem ambos os nomes, cresceu em ambos os mundos, e compreende as racionalidades e sentimentos de ambas as mentalidades. De acordo com suas palavras, no prefácio da segunda edição:

“São dois mundos importantes para mim: eu me movimento entre eles; em um certo sentido eu nasci em um e fui educada em outro. Eu negocio as intersecções entre esse mundos todos os dias. Isso pode um espaço complicado, desafiador e interessante”<sup>61</sup>.

E é a clareza do ponto de vista ocupado entre mundos, mentalidades e disputas de poder que faz esse livro ser absolutamente honesto. O melhor adjetivo para este livro, bem posicionado sobre a origem do seu problema no universo da produção de conhecimento, é justamente esse: honesto.

Se Geertz (1989) contribuiu para a produção do conhecimento ao desconstruir a idéia de objetividade e colocou a antropologia como um discurso interpretativo sobre as culturas, Smith acrescenta ao colocar a própria pesquisa, as metodologias e a produção de conhecimento dentro das relações de poder herdadas do imperialismo e do colonialismo. E, aqui, um aspecto que impressiona no livro: usualmente as pessoas leem pesquisas, histórias e relatos sob o ponto de vista dos viajantes e dos pesquisadores, e *Decolonizing Methodologies* inverte esse ponto de vista: desde o começo do livro, a palavra *research* é colocada como uma das mais sujas palavras na língua dos povos indígenas. Smith descreve uma vasta gama de situações, mais especificamente entre os povos indígenas da Nova Zelândia, seu país de origem, em que as circunstâncias da ‘pesquisa’ causaram sofrimento, humilhação e dor entre os povos originários, assim como também são descritas as

60 Em tradução livre do seguinte trecho: “(...) research has been an encounter between the West and the Other. Much more is know about one side of those encounters than is know about the other side. This book reports to some extent on views that are held and articulated by ‘the other sides’.”

61 “I moved within them; in one sense I was born into one and educated into the other. I negotiate the intersection of these worlds every day. It can be a complicated, challenging and interesting space.”

percepções e interpretações desses povos sobre a 'pesquisa'. Folheando o livro, é possível encontrar uma coleção de más memórias perpetuadas por gerações, em que 'research' é mencionado como não confiável; sendo os modos em que a pesquisa científica está enraizada com os piores excessos do colonialismo como uma memória constante entre os povos originários. Como exemplo, cita-se a medida de crânios, coleta de ossos, tudo na maioria das vezes sem cuidados e mesmo e sem a permissão das sociedades de origem. Mais contemporaneamente, são citadas as pesquisas que se dirigem as comunidades originárias e não esclarecem os métodos e os objetivos da pesquisa, além de não dar retorno algum sobre os dados coletados. *Pesquisa*, como a maioria dos povos indígenas em diversos cantos do mundo conhecem, significa desrespeito e falta de ética. Smith ajuda a visualizar a injustiça, raiva e sofrimento que ocorre no universo da pesquisa sobre povos originários e que usualmente é invisibilizada nos resultados. Muitas vezes conscientemente, mas provavelmente na maioria das vezes simplesmente invisível para os pesquisadores das sociedades hegemônicas, assim como seus viajantes, é o ponto de vista dos povos *Outros*. E é contra essa invisibilidade, muitas vezes inconsciente mas nem por isso menos injusta e que tão bem representa o colonialismo ocidental, que Smith visa combater em *Decolonizing Methodologies*.

O livro é dividido em duas partes. A primeira se concentra no legado do imperialismo do conhecimento ocidental institucionalizado, o que inclui não apenas as universidades dos países hegemônicos, mas de acordo com Smith, também a maioria das universidades nos países que sofreram o processo de colonização. A primeira parte contextualiza a 'pesquisa' desde os tempos imperiais, passando pela história da pesquisa e da metodologia nas ciências sociais, e o processo de formação do conhecimento como uma das vias da colonização.

A segunda parte é composta de experiências de pesquisadores que se auto-intitulam pertencentes a povos originários. É sobre os seus processos de pesquisa, a abordagem utilizada em cada caso e os resultados; assim como o ativismo dos povos originários e suas lutas por justiça social. Essa sequência de tópicos tem como resultado a possibilidade de aperfeiçoar e enriquecer o ponto de vista de ativistas, pesquisadores, estudantes, professores e qualquer um envolvido em justiça social de algum modo. O objetivo do livro é empoderar pesquisadores que se intitulam de povos originários; visibilizar as reminiscências do imperialismo e do colonialismo; as consequências de ambos entre as culturas originárias bem como

em um contexto mais amplo das relações entre culturas de modo geral; assim como propiciar sugestões de métodos e abordagens para pesquisadores em suas próprias sociedades de origem.

Alguns pontos principais apresentados por Smith na segunda parte do livro, sobre metodologias entre os povos originários da Nova Zelândia, é que elas tendem a abordar protocolos culturais, valores e comportamentos como uma parte integral da metodologia (SMITH, 2012, p. 16). Esses fatores devem ser construídos como parte explícita da pesquisa, declarados abertamente como parte do rascunho de pesquisa, e discutidos nos resultados finais. A autora também descreve a importância do retorno dos resultados de pesquisa para as pessoas envolvidas, e o compartilhamento do conhecimento: ambos são parte dos princípios de reciprocidade e de feedback. Um ponto sugestivo sobre metodologia a partir de Smith é a preferência por *dividir conhecimento* ao invés de *dividir informação*, no sentido de que de acordo com Smith, é parte da responsabilidade dos acadêmicos e pesquisadores não apenas dividir informações superficiais, mas também dividir teorias e análises que informam em que modo as informações e o conhecimento são construídos e representados (SMITH, 2012, p. 17). O retorno da pesquisa para as pessoas envolvidas é mais do que ético, de acordo com Smith, uma vez que isso possibilita as comunidades, tribos e famílias encontrarem novos modos de pensar sobre si mesmos e suas práticas, e mudar suas perspectivas.

Outro aspecto relevante no livro é que Smith não separa a discussão de metodologia de pesquisa e análises sobre o colonialismo e imperialismo. Se é no passado colonial que houve a marginalização dos povos originários, esses também são espaços de resistência e esperança. Retirar esse contexto relacional é roubar justiça social a essas pessoas. A sugestão é contar a história do Ocidente e suas práticas através dos olhos das pessoas que sofreram o outro lado dos processos de colonização ao redor do mundo. De acordo com ela, dar voz a outros contadores de histórias é uma forma poderosa de resistência que é repetida e dividida através de diversas sociedades que sofreram as consequências da colonização e imperialismo. Essa é a importância de empoderar, inclusive metodologicamente e nos processos de pesquisa, os povos *outros*.

Voltando aos *Tristes Trópicos*, minha intenção não é difamar o mais importante antropólogo do Século XX. Pode soar querer roubar uma migalha do espaço ao sol que ele desfrutava, para não falar da possibilidade de equívoco que é



julgar um livro 60 anos após ele ter sido escrito, com lentes da nossa época e portanto inacessíveis no período do livro. O objetivo não é criticar o livro por si mesmo, mas antes combater a influência equivocada e mesmo danosa do seu livro até os dias de hoje nas sociedades *tropicais* e *Outras*. Tive acesso a esse livro não pela sessão de literatura de uma estante qualquer de biblioteca, mas como recomendação de leitura acadêmica e sem uma perspectiva crítica, em um curso de ciências sociais e no começo do século XXI. E nisso resulta o seu perigo.

Após *Decolonized Methodologies*, fiz uma espécie de tratado de paz comigo mesma e com o triste livro de Lévi-Strauss, e possivelmente desmistificando um tanto a poderosa assinatura: o livro fala mais de um processo de Outrorização<sup>62</sup> nas lentes de um pesquisador que, pela própria limitação de sua época, não conseguiu narrar para além de um exotismo embebido em uma inicial sensibilidade e uma etnografia colonialista disfarçada de relato de viagem. O livro não é escrito como uma possibilidade de retorno para as sociedades narradas, é antes uma apreciação para o leitor ocidental enfasiado de sua própria cultura e sempre ávido por relatos exóticos além mar. O espírito do exotismo está enraizado em grande parte da antropologia do século XX, ou como diz o próprio Lévi-Strauss: “Sem dúvida, desde menino, dedicava-me a uma coleção de curiosidades exóticas” (LÉVI-STRAUSS, 1957, p. 51).

A produção deste livro foi importante para a carreira de Lévi-Strauss, para a produção ocidental de conhecimento da época sobre os povos *outros* e um modo considerado belo, para o período, de ampliar o mundo limitado do europeu e do homem ocidental, e isto é tudo. *Tristes Tropiques* não pode ser lido como um certificado confiável e um atestado de verdade, e não representa os povos *tropicais* ou qualquer outra designação de *Outro* que se possa conceber; representa antes o antropólogo que o escreveu e o legado de sua época.

O livro de Smith não tem todas as respostas para todas as variadas reminiscências coloniais e imperialistas em todas as sociedades, e tem uma impossibilidade até mesmo ética em ser aplicado, por exemplo, ao contexto poli cultural brasileiro, com sua diversidade continental e, até o momento de conclusão deste artigo, desconhecida em sua totalidade: são mais de duzentas diferentes

---

62 No original em inglês, e como uma tentativa de tradução para o português: *Process of Othering*, que se constitui nos processos em que, principalmente através do exotismo e de um equivocado distanciamento dos *Outros* analisados, se atribui características caricatas, preconceituosas e de ridicularização sobre esses outros.

línguas indígenas faladas atualmente nessa imensidão de sociedades que delineamos como Brasil, para não falar na impossibilidade de entrar em detalhes sobre todas as particularidades de costumes, histórias, estórias, mentalidades, cosmologias, combates e injustiças, entre tantas outras abordagens possíveis. Esse não é o objetivo do livro, e nem seu alcance. O que a autora faz, a partir de sua própria trajetória como pesquisadora que vem dos povos originários na Nova Zelândia, e dos exemplos em seu livro de pesquisa e metodologia de pesquisadores entre diversos povos originários, é propiciar possibilidades mais éticas e responsáveis de fazer pesquisa. Do mesmo modo, Smith possibilita uma maior pluralidade discursiva, metodológica e teórica, que ultrapasse os legados até hoje muitas vezes invisíveis, do processo de produção do conhecimento que perpetua os ranços da colonização.

A principal contribuição de Smith é a ampliação da possibilidade de justiça social para o contexto da pesquisa acadêmica, a maior visibilidade da não neutralidade do processo de produção do conhecimento e a difusão de novas possibilidades de pesquisa, mais éticas e responsáveis para com as sociedades estudadas e relatadas. E talvez nisso se reflita a necessidade de leitura no contexto acadêmico brasileiro, fortemente marcado pelos clássicos europeus e com dificuldade de visibilizar e reinventar seus próprios métodos de pesquisa, e mesmo de reconhecer sua própria produção de conhecimento. Não por acaso, é difícil ver sociologia, antropologia e ciência política brasileiras como matérias obrigatórias nos currículos dos cursos de ciências sociais. Se é necessário que a academia brasileira hoje se internacionalize em diálogo, não significa que se padronize em face da produção hegemônica de conhecimento.

A importância de *Decolonizing Methodologies* é exatamente essa: que possamos, mais que desconstruir os muitos *Tristes Trópicos* que foram edificados sobre nossas culturas, com pesadas assinaturas que atestamos colonizadamente como testemunhos de verdade; mas que também possamos refletir sobre nós mesmos, olhar criticamente a produção hegemônica de conhecimento, fortificar a auto confiança e empoderamento para aperfeiçoar e criar nossa própria autoria como produtores de conhecimento. Que sejam ampliados os próprios caminhos de métodos e maneiras de produzir conhecimento e, nesses ethos particulares, também de fazer justiça social em face das relações históricas de opressão. Mais, que esses

métodos possam melhor abordar as particularidades das nossas muitas culturas e contribuam eticamente para o crescimento e auto aprendizado das sociedades.

## REFERÊNCIAS

DABASHI, Hamid. **The Arab Spring: the End of Postcolonialism**. London: Zed Books, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples**. London & New York: Zed Books, 2012.